

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GÔMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 26. — SABBADO, 28 DE JUNHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

A idade media, e a Igreja Catholica. — A Academia das Bellas Artes (conclusão). — Versos escriptos depois da leitura do romance « Jane la pale » de Balzac. — Quadros inglezes. — O tigre de juba. — Camilla. — Alcacer do sal. — Os zerdos — Apontamentos biographicos. — Retratos dos nossos homens politicos no seculo XIX — A caixa do doutor (continuação). — Adeus. — Galeria dos paços reaes em Evora. — Chronica semanal. Bibliographia.

GRAVURAS — Alcacer do sal. — Galeria dos paços reaes em Evora. — A correspondencia. — O tigre de juba. — Os zerdos.

A EDADE MEDIA, E A IGREJA CATHOLICA.

(Continuação).

II

N'este apuro, em presença de tamanho perigo esta sociedade que só na morte encontrava refugio a tamanha inundação de males, coseu-se intimamente com a Igreja como o menino ameaçado d'um grande perigo lança os bracinhos ao collo de sua mãe, e cose-se com ella para que o defenda; e a Igreja, essa mãe tão terna, era também a unica protecção que restasse á sociedade, era a unica taboa de salvação que visse n'este immenso e pavoroso naufragio para não perecer miseravelmente n'elle. Também a voz da Igreja tinha n'esse momento solemne tamanha auctoridade para inspirar alento e ao mesmo tempo uma santa resignação e auctoridade no coração dos vencidos, como suavidade e energia para acalmar a furia e domar a ferocidade dos vencedores.

Eu quereria que os que accusam a Igreja de usurpação do poder temporal, n'este momento de suprema agonia e confusão, quando todos os poderes humanos, todos sem excepção alguma, se escondiam transidos de medo, e abdicavam uma auctoridade que em vez dos vaidosos apparatus da magestade tinha apenas os perigos e os desastres da derrota; quereria que esses que attribuem a todos, menos a quem devem attribuil-a, a honrosa tarefa e tão cheia de gloria como de difficuldades, de ter salvado a humanidade, a sociedade e a civilização no que tinha de legitimo; quereria, repito, que tanto uns como outros estudassem com attenção este periodo da historia, e examinassem o bello quadro que elle patentea! A igreja respeitada pelos barbaros, e querida dos Romanos, cuidaes que impallidece, que titubea, que emmudece diante das hostes que se avançam impetuozas? Bem longe disso! Quando já nenhuma esperanza pôde haver nos meios humanos, que não desdenhou d'empregar porque lidava com homens, ella que não cessou de pôr unicamente sua confiança nas

promessas do divino esposo, toma novos brios quando vê as cohortes romanas fugindo em debandada, os broqueis rotos, as espadas em pedaços; e apresenta-se aos vencedores, como a medianeira legitima e providencial entre a civilização opprimida e moribunda, e a conquista barbara e sanguinolenta.

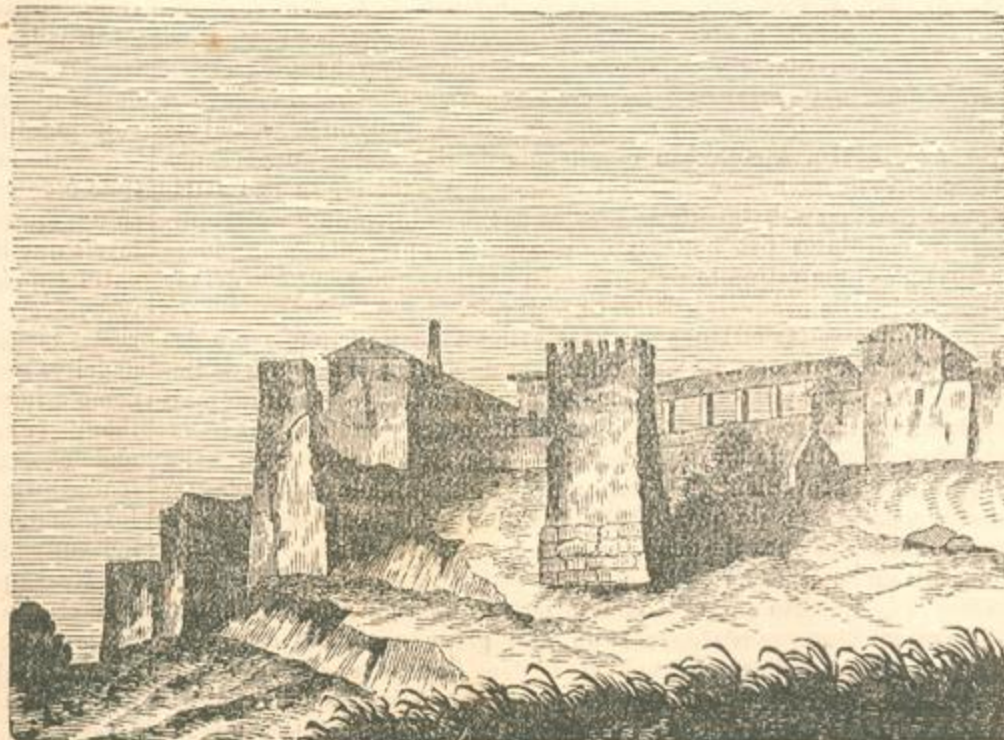
Apresenta-se-lhe forte no seu direito d'eterna Esposa de Jesus Christo, e Mãe de todos os homens para reivindicar os direitos dos fracos, para recordar aos fortes os seus deveres: e a sua mediação é acceita pelos barbaros a quem a offerece, e por os romanos que a imploram, por aquelles a quem protege, como por aquelles de quem protege! Uns e outros inclinam-se reverentes diante de sua missão divina, e suspendem-se de seus labios com um amor ou uma admiração indiziveis, com uma esperanza sublime, ou uma submissão inexplicavel, para ouvirem as condições de paz que vai propor. E essas condições, apenas propostas, são recebidas com aclamações de jubilo, e com canticos de alegria pelos vencidos, e ao mesmo tempo acceitas sem hesitação e mesmo com applauso pelos vencedores, como se uma força muito superior á sua, uma força invencivel lh'as impuzesse.

E com effeito essa força existia, era uma cousa muito real, posto que elles não podiam vel-a; actuava sobre o coração dos barbaros, submettia-o, mas sem que elles descubrissem nada que exteriormente os constrangesse, que os subjugassem. E como podiam elles ver essa força, se ella estava na alta comprehensão que a Igreja tinha de seus deveres neste mundo, e estava não menos no divino

sentimento que ella tinha dos direitos que lhe provinham da maternidade que Deus lhe concedera? Esta força é de certo irresistivel; nenhum homem ha que se atreva a impugnal-a, a pol-a em duvida, e muito menos a arrostar com ella, sem que primeiro abdique da sua qualidade de homem.

Por effeito desse pacto, vencedores e vencidos dão-se mutuamente as mãos, e animados d'um mesmo espirito correm, como á porfia, a depositar nas da Igreja o que uns desejavam, e os outros consentiam em salvar do incendio, ou do sacco — que eram as riquezas do engenho e da arte humana, accumuladas ha seculos. Então as bazilicas christãs abrem-se para receber os marmores, as estatuas, as pinturas de um valor immenso, os livros das bibliothecas, os vasos de ouro, prata e bronze, e as joias que ornavam os palacios dos Cesares, e dos patricios, ou os templos dos deuses, que a Igreja tinha consagrado ao culto do unico Deus verdadeiro: monumentos completos, arcos triumphaes, columnas, templos, thermas etc., são salvos porque se lhes pôz por escudo uma cruz, ou se lhes deu a invocação d'um santo, a quem foram dedicados em offerenda tão pia como necessaria. Poesia, philosophia, sciencias, bellas-arts, tudo correu a refugiar-se ao pé dos altares, e tudo achou nelles hospitalidade segura e protecção efficaz, intelligente e charitativa: dir-se-ia ao vel-as correndo em tropel para os templos do Deus vivo que eram formosas damas, que depois de uma vida de dissolução, arrependidas de passados e vergonhosos desvios, vinham chorar suas feias culpas á sombra do santuario, onde a Imagem do Crucificado com os braços abertos está convidando amorosamente a todos para que nelles se precipitem, e a todos aperta sobre o seu coração aberto n'um abraço d'immensa charidade.

E quereis ver o que poz o sello e firmou esta mediação generosa? Um facto unico na historia, que não era dado a nenhum poder humano pratical-o! Esse conquistador furioso e cruel, que juntava a seus pomposos titulos o de *Godégisel*, ou *açoute de Deus*, com que mais se comprazia; Attila n'uma palavra, precipita-se na Italia com um numeroz exercito, arrasa Aquilea completamente, devasta muitas provincias, e dirige-se a Roma, cheio de furor e de avidez. Tudo treme á sua aproximação; ninguém se atreve a esperal-o, muito menos a apparecer na sua presença, porque os seus olhos e a sua bocca não sabem senão proferir decretos de sangue, que sattélites deshumanos se apressam a executar... Que grupo é aquelle que marcha impavido ao seu encontro, e que caminha tão tranquillo como se tivesse a certeza da victoria? Lembrar-se-ia por acaso Roma de que suas legiões conquistaram n'outras eras o mundo, e teria querido n'um ultimo e desesperado esforço tentar ainda a sorte das armas? Não:



Alcacer do Sal.

outras são as legiões que avançam; as armas a que recorrem não as conheceu a Roma pagã. Um velho venerando marcha na sua frente, ergue-se no ar uma Cruz, em lugar das aguias d'antes tão allivas, e alguns padres enfraquecidos pela idade e pelas penitências o acompanham! São de certo embaixadores de paz que Roma envia ao barbaro para lhe renderem submissão, e obterem por meio della a vida em troca da liberdade: outra não pôde ser a missão destes homens, que não tem lanças, nem arneses, nem cavallos..... que oppor aos exercitos do Norte.

Tambem não. Esse que vae na frente apresenta-se impavido diante do feroz conquistador, de quem fogem as hostes e os cavalleiros, e falla lhe assim:

« Até aqui tens-te assignalado por façanhas; o successo de tuas armas já te deve ter saciado do prazer de fazer desgraçados; é tempo de procurares uma gloria mais nobre e menos facil. Faze d'aqui em diante apparecer tua beneficencia a favor dos homens, tanto como a tua humanidade se tem até aqui exercido sobre elles. Imita o exemplo da Divindade, que só annuncia o seu poder por beneficios; e teme que Deus, de quem só tens sido o instrumento e o aqoute, despedace nas suas mãos poderosas esse instrumento, se ousares atacal-o no sanctuario que escolheu para si mesmo. Parte; a tua missão está preenchida: lembra-te de Alarico. Tu não és mais do que um homem como elle, e Deus que te falla por minha bocca, é o Senhor de todos os homens. »

Assim falla (S.) Leão Magno: e o barbaro, que esperava palavras de humidade e de recolhimento, ficou estupefacto e como ferido de um religioso terror; sãe precipitadamente da Italia, e vai morrer no anno seguinte, na Pannonia. Deus quebrou o instrumento, e o lançou na fogueira da sua cholera. Neste momento a sociedade e a civilização foram salvas; e foi a igreja quem as salvou pelo meio do seu Chefe visível sobre a terra. Quem a não ser ella, teria tamanho poder?

Aqui principia a Idade Media, porque foi neste pacto, nesta negociação concluida entre a barbaridade e a civilização que verdadeiramente se pode dizer que nasceu a epocha conhecida na historia por essa denominação; e que não foi a bem dizer mais do que a discussão, ou a lucta entre o direito, representado pela Igreja, e a força representada pelos homens; entre a virtude e o vicio; entre a fé e a heresia; entre a liberdade e o despotismo dos reis, ou dos demagogos; entre a Religião e a impiedade, n'uma palavra.

Nesta negociação a igreja não pactuou, nem podia pactuar sómente pela civilização que tinha apadrinhado, pela auctoridade social que lhe tinha vindo as mãos como uma herança jacente, e para proteger a sociedade; mas igualmente pactuou pelas verdades dogmaticas que Jesus Christo lhe tinha deixado em deposito, e pelos direitos, pela liberdade do homem, de quem era a mãe espiritual, e agora tambem a protectora temporal; direitos e liberdade que Deus lhe concedera no paraizo terreal, e que o Verbo Incarnado lhe redimira no Calvario pelo preço de todo o Seu Sangue. Já vigario de Jesus Christo na terra, o papa é tambem o herdeiro e successor legitimo do senado, do povo, e dos imperadores romanos.

Onde achar um titulo mais augusto, mais legitimo da soberania temporal? Que nos o digam esses inventores de soberanias, esses visionarios que forjaram uma, com que nos aturdem os ouvidos; ávida como um vampiro, turbulenta como um trasgo, firme como essa flor dos campos, que ao mais leve sopro deixa voarem pelos aros seus mentidos adornos; elles que nos digam qual é mais legitima, se a soberania perdida e feroz que esmaga as resistencias trucidando os homens que as oppõe, ou aquella que as vence pela doutrina e com paciencia, e protege igualmente todos os homens?

Desde então começou a Igreja a desempenhar duas tarefas: a sua missão eterna, que tem por fim e objecto manter em toda a pureza e integridade os dogmas divinos, que nada pôde alterar, nem aballar, que do céu vieram á terra e que della hão de no fim dos tempos voar ao céu; e de salvar as almas preparando-as neste mundo para gozarem no outro de bens que nunca passem, d'uma vida que nunca acabe; a essa tarefa, accresceu, neste naufragio do mundo, a missão temporal de ensinar ás nações barbaras, a quem Deus concedera em herança o imperio romano, as artes passageiras, e acostumal-as á posse e ao gozo dos bens caducos.

Ambas estas missões são dignas della, e ambas gloriosas não obstante a desigualdade dos titulos de gloria, e por isso é necessario ter attenção a que se não confundam no exame e no estudo a que nos convidam. Para a primeira destas missões, que lhe é propria, e por isso perpetua como é a Igreja, sómente emprega a palavra de Deus porque é uma missão divina; para a segunda que não procurou, que as circumstancias lhe entregaram, e que não deseja conservar senão o tempo necessario para o bem da humanidade—para essa, de sua natureza accidental, emprega os meios humanos, porque é uma missão humana.

A primeira destas tarefas da Igreja, a que é da essencia da sua instituição, e procede na esphera espiritual, esta não pôde ser sujeita a nenhuma fraqueza, e está portanto acima de qualquer critica porque para essa obra lhe prometteram Deus a infallibilidade, assegurando-a de que estaria sempre com ella até á consumação dos secul-

los, e que lhe enviaria o Espirito de verdade para lhe ensinar todas as cousas: assim fortalecida e inspirada, é impossivel que a Igreja erre naquillo que nos ordena ou ensina, por mais que a nossa razão não saiba achar a explicação de seus dogmas, de suas leis, ou de suas lições, como os meninos a não acham para o que seus paes ou mestres lhes ordenam ou ensinam; e só mais tarde reconhecem que havia ali a verdade que não tinham visto.

A segunda, que é a accidental, e que funciona no campo em que se movem e agitam as paixões da terra, e para a qual a Igreja emprega as sciencias, as letras, as leis, as riquezas de toda a especie que pertenceram á velha civilização pagã; para essa que não existiu desde o principio, e que hade acabar um dia, logo que o objecto della estiver conseguido, que é sujeita a intermitencias, que soffre augmento e diminuição; essa, que tem por instrumentos cousas humanas, por agentes mãos humanas, e por fim interesses humanos, que procede no meio da rudeza dos barbaros que é necessario polir e domar, e no do refinamento corrompido dos cidadãos romanos que é necessario curar—que se vê impellida e contrariada por dous elementos contrarios, a insubordinação impetuosa e apaixonada dos primeiros, e a subserviencia molle e egoista dos segundos, não podia escapar á acção das leis a que estão sujeitas todas as obras humanas, a imperfeição; algumas particulas impuras haviam de misturar-se aos actos, que essa missão exigia della, porque eram obra humana.

Mas mesmo no meio dessas sombras, que são tributo que todos os homens pagam á fraqueza da propria condição, quanto é admiravel o proceder da Igreja, quer elle acaricie seus filhos para os levar por meio das artes á brandura ao cumprimento dos deveres sociais; quer os castigue pela infração delles para lhes ensinar a respeitá-los, e fazer lhes conhecer que os deveres proprios não são senão os direitos dos outros; quer perdoe com atoravel indulgencia essas infrações em vista do arrependimento dos culpados! A esta mistura de carinho, de severidade, e de indulgencia, tão intelligentemente empregada pela Igreja na obra da reconstrução da sociedade, e que devemos nós, os filhos deste seculo, a nossa existencia social, a civilização, e a liberdade de que tanto abusamos contra ella e contra nós mesmos.

(Continúa)

SOUZA MONTEIRO.

A ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

VI

(Conclusão)

O ensino artistico e os processos que verdadeiramente podem iniciar nos segredos das artes do desenho, não dependem só de mestres esclarecidos e bons comprehendidos, carecem tambem de modelos perfeitos e primorosos, porque os modelos são as theorias e preceitos produzidos nos seus resultados mais eloquentes, isto é, nos exemplos.

É mais fecunda, mais inspiradora e instructiva a lição que pôde dar, acerca da vehemencia da dor expressa pela energia da verdade anatomica, a vista e analyse do grupo de Laocoon de que todas as regras insinuadas por um professor ainda dos mais intelligentes; e da mesma sorte um retabulo de Rubens ou de Miguel Angelo accende mais facilmente o sentimento intimo da arte, fonte das grandes concepções e revelação instinctiva das elevadas theorias, do que todas as explicações que se possam dar de bello ideal e da maneira de o traduzir nas combinações propriamente materiaes da pintura e da estatuaria.

Uma collecção de estatuas ou modelos classicos, assim como uma galeria que reuna o melhor que se possa obter dos bons quadros estranhos e nacionaes, constitue uma das necessidades mais instantes da Academia, necessidade que cada hora as crescentes aspirações dos nossos artistas e o impulso espontaneo da marcha progressiva nas cousas de arte, proclamam e demonstram.

Quanto aos modelos do antigo, máos ou bons, ahí estão. A collecção que depois de dez annos de porfiadas contendas e delongas chegou á Academia, se não satisfaz cabalmente os desejos dos mais entendidos e escrupulosos nas bellezas da estatuaria, apresenta contudo já um estimulo de instrucção pratica, que não pôde deixar de produzir effeitos apreciaveis.

As estatuas modelos, vindas de Roma, não são das mais perfectas: as que saem do atelier de montage de Desachy são inquestionavelmente transumptos muito mais conscienciosos de todos os primores da escultura e estatuaria antiga e moderna. E accresce, que aos defeitos provenientes da imperfeição e antiguidade dos moldes, os gessos de que se trata vem mutilados, caida parte delles para lhes encobrir as fracturas, e outros são até velhos e usados.

No entanto, póle dizer-se que alguns dos monumentos que nos deixou o cinzel grego e italiano os possui actualmente a Academia. Pena é que esta aquisição, que tao debatida e aziagada foi, se nao tornasse mais completa e abrangesse outras phases que representam e resumem hoje a historia da escultura moderna.

Isto não é dizer que os marmores de Athenas, do Ca-

pitolio, e do Vaticano não sejam para o artista como o epilogo eloquente de tudo que pôde fecundar o talento e elevar a imaginação ás regiões mais ideaes do bello. Phidias e Lysippo, a iguel Angelo e Canova, Ghilberti e Cellini abrem por certo os capitulos mais gloriosos na historia das artes esculpturales e allumiam com o esplendor do seu engenho todas as verdades porque possa voar a fantasia.

Mas a arte não se deteve ahí; progrediu e ainda assignalou epochas symbolizadas por nomes que a critica não pôde deixar de indicar com louvor e admiração, por que esses nomes representam novas theorias e fundaram novas escolas. Goujon e Puget, David, Thorwaldsen e Pradier são artistas impossiveis de esquecer, quando o conhecimento das diversas modificações porque tem passado a escultura, e a estatuaria especialmente, forme o complemento de estudos desenvolvidos. O Milton de Crótone, como modelo do exaspero da força humana em lucta, o Prometheu como a mais eloquente manifestação da agonia, a Diana como tudo que a natureza possui de voluptuoso, serao sempre um reflexo sublime das mais puras inspirações da antiguidade, animado pelo fogo, pela energia de paixão que lhe soube infundir o espirito moderno.

E ainda mesmo querendo levar o estudo exemplificativo da escultura unicamente ás obras monumentales do cinzel grego, e pôr de banda, como meras variantes de interpretação ou superfluidade de imitação servil, os primores que se admiram em Versailles, nas Tuilleries, no Louvre, e mesmo no Museu Britannico e na Glyptotheca de Munich, ainda assim a collecção dos gessos que hoje encerra a Academia das Bellas Artes de Lisboa não abrangem os verdadeiros esforços do genio artistico que a critica é unanime em proclamar como o mais sublime e inspirado do expresso plastica. O Theseu de Phidias, o Jupiter Olympico, as estatuas de Germanicus e Moysés, talvez as quatro produções em que resplende de uma luz divina toda a sublimidade do genio da estatuaria, não existem na Academia.

Esqueceriam por ventura, ou seriam julgadas inferiores aos modelos vindos de Roma?

Não o podemos acreditar. A pessoa encarregada da escolha não podia ser tao alheia a esta parte da historia da arte que ignorasse a existencia das suas mais proclamadas manifestações.

Seria então porque em Roma ou em Paris não haveria os modelos de que se trata?

Tao pouco. Em Roma ha modelos de tudo que produziu a antiguidade; e quando os não houvesse, a fabrica do Louvre apresenta a mais sortida, e perfeita collecção de gessos que possa desejar o artista ou que deva completar o estudo analytico das variadas combinações da esthetica e da plastica n'uma Academia.

O facto não se explica senão pelo fado inquebrantavel que persegue as nossas cousas de arte.

Não apparecerá nunca mão abençoada que as consiga exorcismar desta influencia diabolica?

A resposta custa realmente a desentranhar das difficuldades e resistencias que se lhe oppõem. Não é um impossivel, mas toda a reforma completa que deva produzir o verdadeiro artista para Portugal, ainda vem longe. Desajavamoos poder-a saudar em nossos dias: desanimamos porém da possibilidade.

Voltemos á outra necessidade que julgamos instante para a Academia: á formação de uma galeria de quadros.

A Academia das Bellas Artes de Lisboa tambem não tem uma galeria de quadros. Todos que formem idéa do que releva que seja uma Academia de pintura, e que saibam como esta natureza de estabelecimentos é criada e desenvolvida lá fóra, desde a Escola de Paris até aos institutos de artes de Munich, percebem a utilidade de uma galeria de quadros, como meio unico de estudo analytico e aquelle que mais cabalmente pôde iniciar nos segredos dos grandes mestres, na apreciação e excellencia das diversas escolas e na differença de generos e estylos.

E todavia estas idéas são quasi que desconhecidas entre nós. Por excepção as possui alguma vocação especial, destas que se consagram á arte como a um objecto do seu culto predilecto.

Entre mesmo a maxima parte dos professores, este estudo é desconhecido. E a culpa não parte delles. Não é só um apego tradicional a rotinas e theorias menos accetaveis que lhes indispõem a intelligencia e a vontade para entrarem na apreciação d'esta parte propriamente philosophica e poetica da arte, assim como dos diversos processos mechanicos que denunciam e caracterizam os verdadeiros genios da pintura; não são tanto estas as razões, como a impossibilidade que ha em poder effectuar e methodificar estes estudos, por que não é só na Academia onde não existe uma collecção de quadros que apresentem as principaes divisões, representadas na pintura pelos grandes mestres, mas não existe em Lisboa, nem mesmo em ponto algum de Portugal.

E sera por que entre nós não haja elementos para se formar essa galeria? O motivo não é este; o motivo não é de impossibilidade absoluta, é de impossibilidade relativa. A razão d'isto é o desleixo, a incuria, a ignorancia que predomina em todos as nossas cousas. O governo tem meios facéis, sem gravar o thesouro com despezas onerosas, de formar uma galeria, ou um pequeno museu, onde os discipulos da Academia encontrem as principaes indicações

exemplificativas para os esclarecerem e dirigirem nos seus estudos. Os quadros que possui a Academia, que não são tão poucos, nem de tão insignificante valia como muita gente pensa, como bem se póle julgar pelo voto insuspeito e illustrado de um estrangeiro, do conde de Raczynski, no seu livro *Les arts en Portugal*, com os quadros do Ramalhão, existentes na Bemposta, os quaes o governo comprou quando esteve em hasta publica o espolio da rainha D. Carlota Joaquina, toda esta porção de quadros resume já por si um certo numero de obras preciosas que augmentado por outras dispersas que existem por essas igrejas que foram dos extinctos conventos, e outros locais menos sabidos, e que são posse nacional, todos esses quadros colligidos, restaurados, colleccionados e dispostos por ordem n'um edificio apropriado, formavam já uma riqueza aproveitavel aos mais fecundos destinos da arte, e que, todavia, como ella ahí se acha, espalhada, esquecida, despresada, de nada aproveita, nem como ornato, nem como principio de instrucção.

Ahi temos um exemplo recente, com o bello quadro de Rubens que se acha no côro da igreja de Jesus (hoje parochia das Mercês), que é ignorado de muitos, e cuja posse tenta disputar-se actualmente á fazenda nacional. É um retabulo de vastas dimensões, representando a resurreição do Christo, de grande valor artistico por ser incontestavelmente um precioso original do fundador da escola flamenga. Em S. Roque, na igreja dos Paulistas, em S. Francisco de Paula, na Bemposta e em muitos outros edificios que pertencem ao Estado, existem obras de muitas das epochas em que mais floresceu a pintura nacional e estrangeira. Ha ahí retabulos e quadros de Rebello, de André Reinoso, de Gaspar Dias, de Vieira Luzitano, de Bento Coelho, e até de Holbein, de Ferdinand Boll, da epocha classica dos Carracci e de Ticiano, ou de um estylo que se aproxima. São muitos dell's monumentos que podem figurar com vantagem n'uma galeria, e todavia por ahí estão por esses claustros, côros, capellas e sacristias, conhecidos sómente dos eruditos, e ignorados dos mancebos que se dedicam á pintura.

É uma grande riqueza nacional, que o artista poderia consultar e estudar com proveito para si e para a arte do seu paiz, mas que, derramada e escondida, como se acha, só excita a laboriosas excursões o antiquario que no simples achado de um primor em pintura, se ache remunerado da sua affadigosa romaria.

De maneira que todos lamentam a falta de uma galeria de pintura onde se vejam obras de bons mestres, todos conhecem a importancia e influencia que della poderia resultar ao desenvolvimento de sentimento artistico, ha meios e elementos para a poder formar, e com tudo nem se pensa em a organizar como se houvesse a vencer impossiveis. O proprio governo, animado destes intentos, comprou os quadros do espolio da rainha D. Carlota, pagou do seu importe uma ou mais prestações, e, apesar disto, os quaes li continuam a estar arrimados e virados para a parede. Os que pertencem á Academia lá estão igualmente sumidos por aquelle dedalo de corredores escuros; e os demais que eram propriedade dos antigos conventos e que com a abolição das instituições monasticas passaram para a fazenda publica, por ahí existem da mesma fórma: os melhores, sendo cobidos por pretensões singulares e exigencias inadmissiveis, como o quadro de Rubens do chôro da igreja de Jesus; e os outros de menos valia, perdidos ou ignorados pelos depositos publicos ou pelas sacristias dos velhos mosteiros.

Talvez nos opponham á insistencia das nossas reclamações o obstaculo que, mais ou menos, sempre tem levantado, todas as vezes que esta questão se ergue de pé; que é a falta de um edificio apropriado, com local espaço e disposto a semelhante fim, porque em verdade nos irregulares e encruzilhados claustros de San' Francisco, occupados pelas aulas da Academia, Bibliotheca, deposito de extinctas livrarias e Governo Civil, o não ha nem com a amplitude, nem com as condições de luz que o intento requer.

Mas essa difficuldade, que se tem sempre feito valer e elevado á altura da impossibilidade, é sanavel. Se que rem tratar de organizar já uma simples galeria, com as pinturas que mais proximamente se possam obter e colligir, a propria Academia tem espaço que póle consagrar a esse fim, fazendo-se algumas obras e alargamentos, o que actualmente é facil, visto que se vai levantar toda uma fachada nova. Mas se querem entrar em obra mais vasta e completa, como é possível conseguir dos recursos que possuímos, se querem fazer um pequeno museu, que não só o alumno da Academia possa consultar, mas que tambem o forasteiro intelligente visite sem desaire para a maneira porque entre nós são a; revidadas as artes do desenho, nesse caso tente-se empresa mais digna, destine-se para esta applicação a velha igreja do Carmo, que pela poesia tradicional que a reveste e merito architectonico que a recommenda, se apresenta naturalmente como um local que deve de ser consagrado a algum fim util ás artes.

A despeza que haverá a fazer não deve ser grande, e em todo o caso será menor que outras muitas que por ahí se fazem, com desfalque do thesouro e esterilidade de resultados.

Esta era a maneira mais completa de satisfizer, de uma forma decente e digna de uma capital, que se preza de eslimar as artes, e ufana de conter em si bellezas que o pro-

vam, tão reclamada necessidade. Lisboa ficava com um museu que attestasse a maneira brilhante porque o genio nacional da pintura fulgura desde os seculos XVI e XVII, e os nossos instinctos artisticos achariam uma fonte de inspiração e ensino.

O Porto, apesar dos seus poucos recursos neste genero, já nos deu o exemplo, mas os poderes publicos deste paiz não vão pelo estímulo moral, e ainda menos pelo incentivo em assumptos de arte. Com raras e louvaveis excepções tem predominado sempre um fatal divorcio entre os governos que ultimamente se tem succedido e as cousas da arte. Se exceptuarmos a reforma da Academia em 1836, iniciativa que devemos á concepção vastamente progressiva e governativa do sr. visconde da Silva Passos, e mais algumas commissões nomeadas em diferentes epochas para a restauração da torre de Belem, e conservação do edificio da Batalha, a não ser isto nada mais apparece na successão de algumas vintenenas de annos que atteste ser Portugal um paiz onde a pintura e a escultura tem achado interpretes, e symbolizam as suas melhores epochas por monumentos de notavel fama.

Recapitemos os pontos que temos indicado nesta serie de artigos, e de cuja realisação, como bases de um verdadeiro complexo de estudos sobre bellas artes, fazemos depender o futuro desenvolvimento e progressos da nossa Academia.

As necessidades mais capitaes, e cuja satisfação só por si nos parece resolver o grande problema, são as seguintes:

Serem obrigados os mancebos que se dediquem ao estudo das bellas-arts, a terem o curso de instrucção secundaria, de que deverão ser obrigados a apresentar cartas de exame; ou, em certos casos excepcionaes, admittir-se que frequentem o lycêo simultaneamente com os estudos da Academia.

Dar-se um mais completo desenvolvimento ao ensino da perspectiva, podendo os alumnos que carecem de aprofundar os principios e theorias desta parte das sciencias naturaes, cursar a aula de physica na Escola Polytechnica.

Ser levado a toda a importancia que exerce na pintura historica e na estatuarica o conhecimento da anatomia. Alem do ensino theorico, que deve ser largamente indicado em todas as suas applicações pelos professores de escultura e pintura historica, é indispensavel que os alumnos destas aulas frequentem, como espectadores, as preleções de anatomia theorica e os estudos de dissecação que fazem parte do primeiro anno do curso de sciencias medicas na Escola medico-cirurgica.

Reformar completamente o methodo de ensino da aula de paisagem, tomando-se por base ou ponto de partida a natureza como a fonte de inspiração e o modelo unico a seguir nas interpretações livres do artista.

Ordenar uma colleção completa de estudos modelos de anatomia plastica, como se veem hoje em quasi todas as academias de bellas artes da Europa. É este um ramo de instrucção, que, juncto a um estudo continuado e bem dirigido do nu, habilita o talento consagrado á reproducção da forma humana, no marmore ou na tela, a seguir com facilidade todas as exigencias das suas mais ambiciosas concepções, que tenham por fim a manifestação de verdade anatomica e jogo de musculatura.

Completar a colleção dos gessos ou modelos classicos, segundo as indicações de um bem entendido ensino eclecticico, em que todas as epochas e estylos sejam representados pelas melhores produções, sem predileções exclusivas por mestre ou escola alguma.

Formar uma galeria dos melhores quadros que são propriedade nacional.

Criar uma aula de gravura em madeira. É esta uma necessidade instante reconhecida hoje por todos. O desenvolvimento que este genero de gravura tem tido e vai tendo, entre nós, pelas reiteradas exigencias das publicações periodicas illustradas, apresenta um longo futuro e assegura uma compensação lisonjeira aos artistas que se de liquem a um tal ramo.

Finalmente, annexar aos demais estudos da Academia uma cadeira de historia da arte. O verdadeiro e illustrado desenvolvimento da esphera artistica do alumno, cuja vocação esperancosa pela pintura ou pela estatuarica o instiga a ir mais longe dos processos meramente technicos, dos meios puramente materiaes da arte, não póle prescindir deste complexo de instrucção, aquelle que por ventura mais variadas perspectivas, mais inspirados e amplos horizontes lhe abre ao impulso intimo das suas concepções.

Eis em resumo as indicações em que fazemos consistir os melhoramentos a introduzir nos estudos das diferentes aulas da Academia, e que apresentamos como a base sobre que será possível erguer-se um porvir mais vasto, mais fecundo para todas as nossas criações das artes do desenho, nas suas diversas manifestações.

O que fica dito refere se ainda mais á modificação dos máus methodos seguidos, e á destronisção de principios perniciosos arraigados, do que á introdução de verdadeiras reformas e alterações radicaes, que demandem nespezas exorbitantes e exijam a remoção de difficéis obstaculos materiaes.

O que ahí apresentamos não o damos como um trabalho completo, donde deva surgir immediatamente a prosperidade progressiva e proxima da Academia; mas como uma serie de reflexões, nascidas das necessidades que

to los reconhecem na organização e maneira de existir actual daquelle instituto, e essas necessidades afferidas pelo systema de estudos, seguido em paizes onde as artes tem os seus melhores estímulos e methodos de ensino, proclamados pelas provas que fazem a reputação desses mesmos paizes.

Em todo o caso o que ahí fica escripto obrigará a pensar na questão alguma intelligencia que influa nas regiões do poder, e que aproveite das nossas ponderações, pelo menos, a vontade sincera e insistente que as anima de que as artes em Portugal sejam, como em todas as nações illustradas, a manifestação eloquente de elevadas aspirações de accordo com o progresso social.

É este unicamente o nosso desejo, e esse mais tarde ou mais cedo, contamos em vel-o realisado

ANDRADE FERREIRA.

VERSOS ESCRIPTOS DEPOIS DA LEITURA DO ROMANCE JANE LA PALE DE BALZAC.

Oh! qual destas rozas pallidas,
No curto espaço de um dia,
Soffreu mais longa agonia?

Qual dellas? ai! não seria
Essa a quem Deus accendeu
No peito vivida chama,
E que soffre, e calla, e ama?!

A outra volvendo ao ceu,
Inda no ultimo instante
Não sentia a voz do amante
Dizer-lhe ancioso *sou teu?*

— Pois ao romper da alvorada,
Quando n'haste a fragil roza,
É das auras bafejada,
E vive o dia cercada,
De aroma, eucanto, e fulgor,
Se ao pôr da tarde saudosa,
Pende d'haste desbotada,
Não foi já no mundo amada,
E não deixa emfim a vida,
Ecutando a voz sentida,
Do amoroso rouxinol?

Mas nasceu no fundo valle,
Ou na devesa sombria;
Ver um instante o arrebol,
E dar toda a poesia,
De sua alma virginal,
A esse mentido sol!

— Cuidar-se um instante amada
Sentir de perto a ventura,
Levantar a fronte pura,
Risonha, bella, inspirada;
Balbuciar mansinho um nome,
E ver depois n'um momento,
Que o sol se tolda, e se some,
Co'as nuvens que impelle o vento!
Ver depois sem um *adieu*
Sem um só unico pranto,
Fugir-lhe esse que amou tanto;
Jurar ante os olhos seus
A outra um amor ardente,
E cair aos pés de Deus,
Rogando por ella ainda,
Quando aquella face lin-la
Subia da terra aos ceus?!

Oh! qual destas rozas pallidas,
Soffreu mais longa agonia?
Bella, alegre, venturosa,
Existiu aquella um dia;
Porem tu, tímida roza,
Se no fundo e triste val,
Ou na devesa sombria,
Ecutaste o rouxinol;
Se um instante te sorriu,
A luz viva do arrebol;
Ai! quão breve se encobriu,
De negras nuvens o sol!

Janeiro de 1855.

BULLIO PATO.

QUADROS INGLEZES.

Na serie dos que se apresentaram na galeria da exposição de Bellas Artes em Londres, e que são obras de artistas modernos até a vivos, avulta entre alguns, de que temos dado copias, o que se intitula, a correspondencia. É o protagonista um veterano, ensurdecido um tanto pela idade, que ouve ler as cartas procedentes da Crimea em que se relatam as valentias dos seus compatrioticos nas batalhas de Inkermann e Balaklava; a expressão e attitudede do velho soldado peninsular tem muita verdade, e em geral é bom o desempenho artistico, que revela o talento de M. William Hemsley.

M.

O TIGRE DE JUBA.

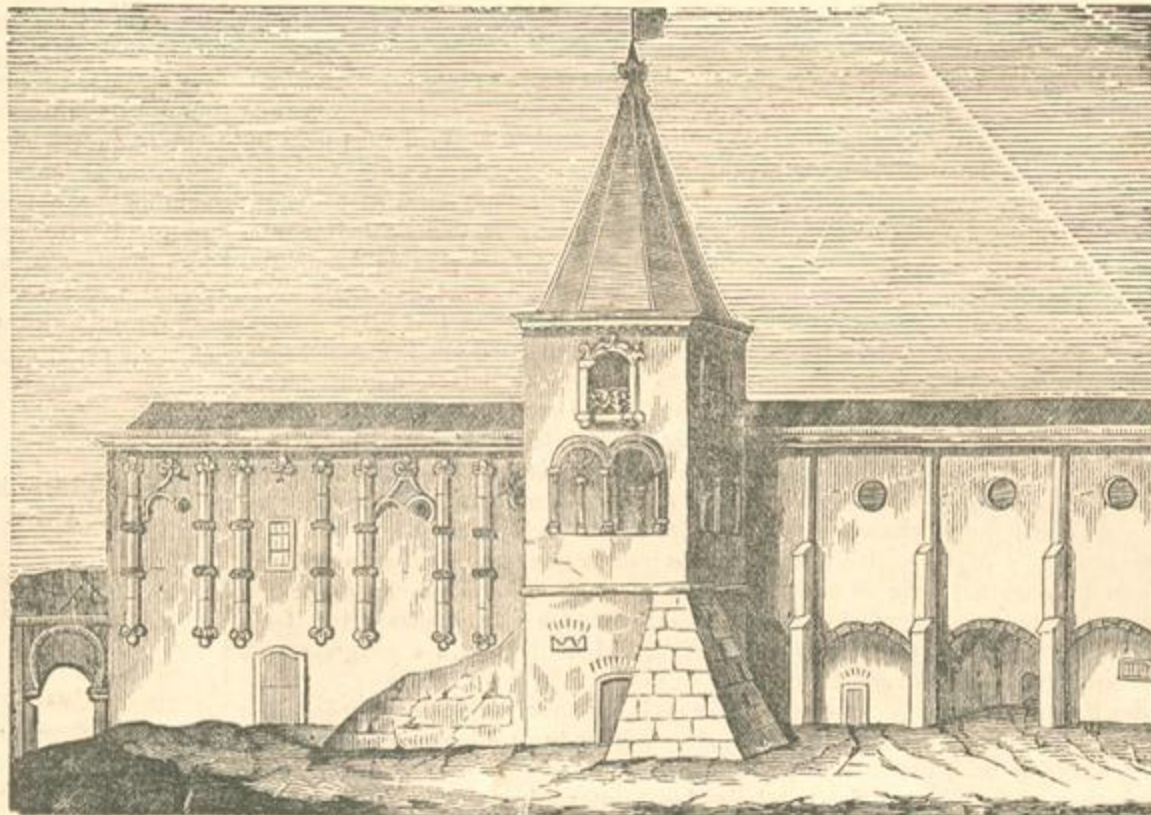
Na familia tão variada e numerosa a que pertencem entre outros muitos o leão, o leopardo, as pantheras, os gatos, os tigres, ha uma especie destes ultimos que os naturalistas denominaram 'Felis jubata' em rasão da sua juba ou crina; os indios lhe chamam tigre caçador. Distingue-se de qualquer dos outros generos da sua divisão mediante caracteres bem assignalados, e que são facéis de notar pela simples inspecção do individuo vivo que existe nas casas dos bichos do jardim das plantas em Pariz; as unhas são fracas, gastas nas pontas e não retrahiveis, evidentemente mais proprias para favorecer a corrida do que para segurar ou despedaçar a preza, e a este respeito o animal se assimilha mais ao cão do que ao gato. Os dedos são mais compridos que os dos gatos, e o pé é oval por diante em vez de ser redondo como os destes; na dentição aproxima-se das hyenas. Por outra parte, a cauda é mais longa do que as dos outros animaes seus congeneres de corpo mais volumoso; sendo mais alto e delgado, tem a columna vertebral mais direita, a cabeça mais curta, mais redonda e mais pequena.

O tigre de juba é menos feroz e espantadiço do que as outras grandes especies de gatos bravos e consegue facilmente domestical-o, e até ganha affeição ao dono, responde á sua voz, acompanha-o, faz festas, e mostra um instincto aperfeiçoado. O pateo dos bichos de Pariz tem possuido em diferentes epochas individuos vivos desta especie; um delles, vindo do Senegal, era tão familiar que o pozeram n'um parque onde vivia livremente, e donde nunca procurou sair; obedecia ao mando do guarda, era amigo dos cães com quem brincava todo o dia sem nunca procurar fazer-lhes mal. Um dia reconheceu, entre os

curiosos que alli concorriam um preto rapaz, que viera do Senegal no mesmo navio, e fez-lhe tantas festas como um cão ao dono depois de longa ausencia.

O tigre jubado é notavel porque desde epocha remota o empregam na caça em certas regiões da Asia meridional, e dahi proveiu o nome de tigre caçador que lhe dão os indios. Nesses climas ardentés são raros os cães de caça, e o devem ser ainda mais por causa da guerra cruel e desapiedada que lhe fazem as pantheras e leopardos incessantemente; demais disso observa-se que não conservam por muito tempo a subtiliza do olfacto e os outros instinctos da caça; o tigre jubado substitue-os até certo ponto; não tem o faro do cão, caça a descoberto, e salta tão ligeiro que de um pulo galga qualquer fosso largo ou muro alto.

As caçadas com o tigre de juba ou crina, tem sido por muitas vezes descriptas pelos viajantes e naturalistas. Ensinava-se o animal a este exercicio em Surrate, no Malabar, e na Persia. Os caçadores de ordinario vão a cavallo e levam-no á garupa prezo e com os olhos vendados. Correm os campos e procuram descobrir gazellas nos valles incultos onde gostam de pastar; assim que avistam alguma, fazem alto, soltam o tigre e inclinam-lhe a cabeça para onde está o timido ruminante, lh'o indicam com o dedo, tirando-lhe os antolhos; o tigre salta ao chão, introduz-se furtivamente pelo matto ou hervas altas sem fazer bulha, caminha com cautela, esconde-se com as desigualdades do terreno, os rochedos ou outros objectos, seguindo a tempo



Galeria dos paços reaes em Evora.

oportuno a sua marcha lenta e insidiosa; a final, quando se julga bem ao alcance da preza, fôrma o salto e em quatro ou cinco pulos prodigiosos pelo vigor e ligeireza aferra-a e a estrangula.

No Mogol esta caçada é um prazer tão vehemente para os opulentos que um tigre jubado bem ensinado vende-se por preço exorbitante.

M.

Se queres amizades conservar, com amigos não trates de disputar.



A correspondencia. — Quadro de mr. Hemsley.

CAMILLA.

MEMORIAS D'UMA VIAGEM.

Decididamente estamos na epocha dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, deleitam pela suavidade do estillo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade pode elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

É verdade que incommódo horriavelmente os pacíficos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciencia: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

I

Era uma noite de...

Ah! é verdade; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sosinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro eu estudava.

O relógio acabára de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça a uma das mãos e comeccei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noite chuvosa foi-me pouco a pouco in-torpecendo o espirito até que caí n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu?

No Brazil, em minha mãe, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração!

Abri maquinalmente a minha pasta e comeccei a folhear distraido os pobres manuscritos que a enchiam. Aqui era uma copla apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, intertenimento das minhas horas vagas.

Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões!

E qual é o rapaz que á noite no meio d'um silencio augusto, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras creações defeituosas de sua imaginação ardente?

Nenhum.

E o proscripto?

Oh! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o ceo sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.

De repente entre os meus papeis deparei com um numero já antigo do *Braz Ti-sana*. Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar; era o estillo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes que vinha arrancar-me das sorumbaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos d'esta sociedade enfatuada, continuei a remechar na pasta, que—sem ser preciso abrir parenthesis—era um bazaar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Cousa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tisana!*

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama—*O Genio do mal*.

Li o folhetim com avidéz e daria tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou a publicar no *Braz Tisana*, seguiu-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso auctor, e ora pensando no corpo airoso e flexível de Maria a namorada de Philippe, ora sonhando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas desse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas colinas, e o Douro que lhe banha os caés, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Foz. Subi, no pensamento a rua de santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio dos Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lasaro, vi a Praça Nova, entrei no Guichard, orei em Santo Idefonso, debrucei-me na ponte pensil... e finalmente depois de muito cançado instalei-me na Aguia de Ouro!

E o vapor saía no dia seguinte! E se eu fosse de passagem n'elle, como saudaria com alvoroço essas muralhas venerandas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com entusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara!...

Estava com estes pensamentos quando o relógio batia onze e meia.

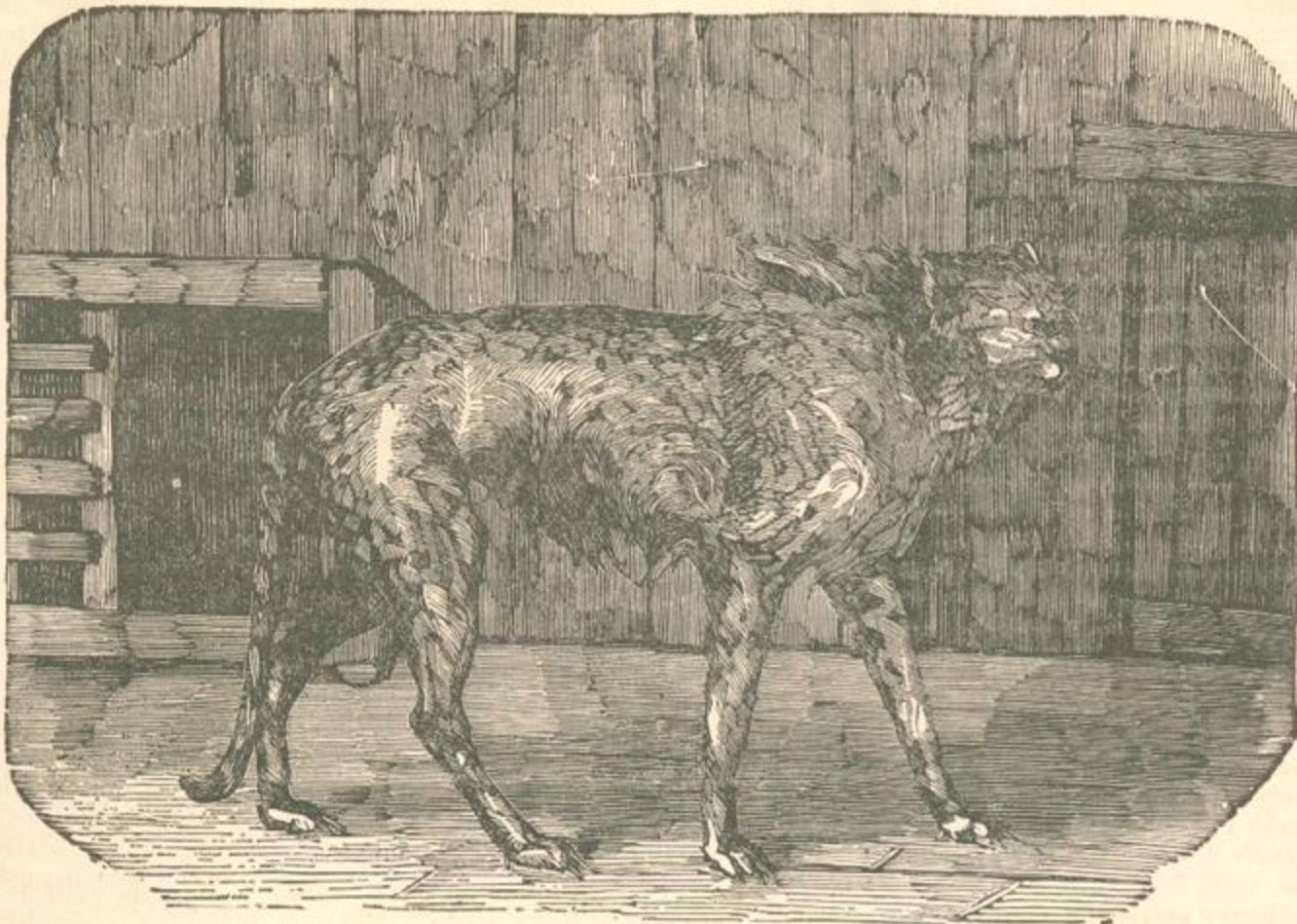
Maldito relógio, vieste desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e... com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cair, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso só quebrado pela queda da agoa, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noute de chuva! Dorme-se que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o



O tigre de juba.

Apesar do seu estado decadente, Alcacer do Sal pode ainda ser uma das mais consideraveis povoações do Alentejo, porque é por ali que se faz o commercio dos cereaes com a capital.

Boas vias de communicação, vontade, e energia levantarão sem duvida Alcacer do Sal da prostração em que a tem deixado o desleixo e a incuria.

A população pouco tem augmentado, em consequencia de circumstancias que não é facil enumerar, e entre as quaes figuram as febres intermittentes e outras doenças.

OS ZERDOS.

O zerdo é um pequeno animal da raça dos carnivoros, muito raro, porque sómente se encontra n'alguns districtos d'Africa, a saber, Dongola, Sennaar, na Lybia até Biscara provincia de Constantina; algumas vezes apparece no Caire, e em Meca. O inglez Bruce, celebre viajante do seculo passado, foi o primeiro que deu a conhecer aos zoologos este quadrupede.

Chamam-lhe tambem fennec; no corpo regula por duas terços do tamanho de uma raposa ordinaria; a sua physionomia geral é igualmente como a da raposa, salvo um signal caracteristico que vem a ser as orelhas de comprimento e largura desmesurada com o orificio guarnecido de pellos compridos e finos; a parte superior do corpo é de uma bonita cor arruivada, e o ventre mais esbranquiçado; a cauda é preta na base e na ponta; a cabeça é pequena comparativamente ao corpo, focinho agudo, pernas delgadas, dedos negros, compridos, com garras curvas e rijas.

Poucos animaes tem suscitado tantas duvidas e discussões como o zerdo ou fennec relativamente ao verdadeiro logar que lhe pertence na classe dos mammiferos. Por ultimo, o estudo mais reflexivo dos caracteres zoológicos e em especial do esqueleto provou que era carnívoro e devia entrar na familia das raposas, constituindo a especie mais pequena deste genero.

São pouco conhecidos os seus habitos; Bruce, que já citámos, possuiu alguns destes individuos vivos; comiam com prazer as tamaras e todos os frutos que se lhes davam, devoravam os ovos de pombo e de outras aves pequenas com incrível voracidade; quando tinham fome não recusavam pão, sobretudo sendo embrulhado em mel ou assucar. Um passaro vivo n'uma gaiola posta ao lado d'aquella, em que elles estavam mettidos, attraia immediatamente a sua attenção, seguiam-lhe os movimentos com a vista, e facilmente se observava que estavam costumados a apanha-los para seu sustento: por outro lado, bastava apparecer um gato para se espantarem, procurando não defender-se mas occultar-se.

M.

travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, tambem não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar, tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir!

Continúa.

CASIMIRO ABREU.

ALCACER DO SAL.

Alcacer do Sal, a que os antigos chamavam Salacia, e os arabes *Al-Kassr-ben-abu-Danès*, tendo sido uma importante povoação, está hoje muito decaida.

O tempo, correndo e destruindo, murchou-lhe o antigo esplendor. Possuiu, em epochas remotas, um bello e immenso arsenal, onde se construíram grandes armadas que saiam depois em demanda dos christãos, para acommettel-os.

Foi capital d'uma vasta provincia, chamada Al-Kassr — em arabe—, e era de grande importancia commercial. A madeira dos immensos pinhaes que a cercavam, e que exportava, era um dos principaes artigos do seu commercio. O gado sobejava-lhe nos campos, que eram feracissimos. Hoje está tudo mudado na sua situação. Esses campos transformaram-se em pestiferos paúes; dos seus pinhaes, resta o que não muda—o terreno, mas occupado por cearas de arroz. Não sabemos se se lucrou com a metamorphose.

Esta villa tinha grande importancia militar, que ainda agora conserva. Mas o seu castello está em ruinas,—a nossa estampa representa essas ruinas—bem como alguns edificios mais.



Os zerdos.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

AUGUSTIN THIERRY.

Nos ultimos dias do mez de maio ultimo perderam a França, as letras e a historia, uma das maiores notabilidades contemporaneas na pessoa de Augustin Thierry, o illustre autor dos *Recits des temps merovingiens*, dos *Dix ans d'Etudes historiques*, etc. Nasceu Thierry em Blois, em 1795, d'uma familia modesta que fez os maiores sacrificios com a educação dos dois irmãos Augustin e Amedée. Frequentava Augustin a rhetorica, quando lhe cahiu nas mãos o volume em que Chateaubriand tão dramaticamente conta o combate entre os Francos e os Romanos nos paizes da Batavia. Foi esta leitura quem lhe decidiu a vocação.

Tendo saído do collegio em 1811 entrou na Escola Normal, e dentro em pouco, foi provido n'uma cadeira na provincia. Restituiu-lhe a invasão de 1814 o seu livre arbitrio, e rompendo com a Universidade, uniu-se na qualidade de secretario ou de discipulo, a Saint Simon. Ainda então este grande economista e profundo pensador professava as idéas que posteriormente foram em seu nome exaggeradas com tanta vehemencia, entretanto a lucidez e exactidão do espirito de Thierry não poude contentar-se por largo tempo com tal visinhança, e em 1817 se aggregou á redacção do *Censeur europeen*, o melhor periodico liberal d'aquelle tempo. Devemo-nos recordar que em historia, Millot, Garnier, Anquetil, (como espiritualmente observa M. Jules Lecomte de quem extractamos estes apontamentos biographicos) reinavam exclusivamente em livros onde o sicambro Clodowis trazia cableira, Frédegonda polvilhos e a rainha Branca donaire.

Estava reservado Augustin Thierry para entrar como revolucionario historico na senda indicada por Chateaubriand, e desfraldar por cima dos annaes servis e das enfesadas narrativas o estandarte das novas e ardentes doutrinas. N'uma epoca em que a França se lançava amorosamente nos braços da liberdade, resolveu Thierry provar quanto aquella paixão havia já deitado profundas raizes em tempos tão remotos, off-recendo á sua patria uma occasiao para melhor se ficar conhecendo, e permitindo-lhe que em melhor conta se houvesse.

Foi então que se entregou decididamente a laboriosa peregrinação, pelas trevas da idade media, escavando no pó das gerações acumuladas. Achou abundantes provas dos padecimentos inauditos e dos combates que em nome da liberdade haviam dado os antepassados d'aquella nação esforçada. Foi assim que o historiador conquistou os seus titulos de nobreza neste terceiro estado, desconhecido, mal avaliado ainda, mas que na verdade merecia tão bello lugar nos annaes francezes, a par do Rei oppressor e do soldado instrumento.

Augustin Thierry traçou o esboço daquellas obras reveladoras n'uma serie de cartas que publicou em 1821 no *Courrier français*. Deste então retirando-se do mundo, se embrenhou, com a tenacidade d'um beneditino, pelo tenebroso estudo dos textos procurando principalmente resolver o grande problema das invasões germanicas.

Destas lucubrações resultam duas obras magnificas, tão notaveis pela forma, como profundas pelo estudo e que servem de data á regeneração historica do seus paiz: *L'Histoire de la conquête d'Angleterre par les Normands* que appareceu em 1825, e *les Lettres sur l'Histoire de France*, em 1827. Não tinha então o author senão só trinta annos, e nesta idade em que o tropejar das paixões traz as mais das vezes nublada a atmospheria da vida, a sua paixão unica era já a sciencia, a sciencia que lhe inspirou esta phrase admiravel e serena em um dos seus prefacios.

« Se houvera de recommençar o meu caminho, escolheria aquelle que me conduziu onde agora estou. Cego e doente, sem esperanças e quasi sem repouso, posso dar este testemunho, que, da minha parte, não será suspeito: ha no mundo alguma coisa que vale mais do que os prazeres materiaes, mais do que a fortuna, mais ainda do que a propria saúde, é a dedicação pela sciencia. »

Devia Augustin Thierry pagar bem cara a gloria de haver partido as cadueas formas da historia, e de ser o revelador das antigas origens das luctas que, em todo o tempo, se tem a França travado pela liberdade. Cancava-se-lhe a vista de explorar em gastos manuscritos em todas as linguas, as gloriosas verdades que tão brilhantemente devia dar á luz, e a vida reclusa e austera que por longo tempo vivera, lhe tinha arruinado a saúde. Tentou em vão uma viagem ao meio dia da França, em companhia do seu amigo M. Faurel; quando regressou, já não poude dispensar um secretario.

Apresentaram-lhe um moço chamado Armand Carrel. Foi com este mestre, para logo amigo seu, que o futuro redactor em chefe do *National* fez os seus primeiros estudos historicos, mais tarde applicados pelas caudalosas propensões do seu espirito ás revoluções dos tempos actuaes. Em 1830 foi Augustin Thierry chamado ao Instituto, secção das inscrições e e bellas letras. Se depois não foi da Academia franceza, é que por uma honrosa, sympathica e excepcional homenagem, a erudita corporação lhe quiz continuar a conferir d'anno para anno o premio de dez mil francos, fundado pelo barão Gobert, e que segundo a vontade do testador, podia ser concedido iterativamente, quando a obra que uma vez o houvesse merecido, não fos-

se excedida. A que motivou esta brilhante excepção foi a intitulada *Recits des temps mérovingiens*.

Augustin Thierry devia fugir do clima humido de Paris. Assim o fez; resitiu alternativamente em Vessoul, junto de seu irmão Amedée prefeito do Alto Saône, e em Luxeuil. É sabido que M. Amedée Thierry é tambem um historiador notavel e author da *Histoire des Gaulois*. Em Luxeuil encontrou pela primeira vez, mademoiselle Julie de Querangal, menina nobre, natural da Bretanha, que se enamorou d'aquella infelicidade, d'aquella genio, e que para sempre se ligou ao seu destino. Compreendeu, diz uma carta, quanto era desejavel e bello associar o seu nome a um grande nome, a sua vida, a uma vida de gloria e dor, abandonar o futeis prazeres do mundo para se consagrar d'alma e coração ao mais admiravel papel que por uma mulher pode ser representado, ao de anjo custodio e providencia terrestre d'uma alma d'eleição encarcerada n'um corpo inferno. Cumpre acrescentar que madame Augustin Thierry, não valia só pelo coração, mas era uma optima intelligencia, e sem se poder ao certo determinar qual a parte que tomou na preparação do trabalho de seu marido, assignou alem disso na *Revista dos Dois-Mundos* paginas que não esquecem facilmente, sob o titulo de *Filippe de Morvel* e publicou outra obra de muito espirito: *Adelaide ou Memoires d'une jeune fille*.

Habitaram os dous esposos muitas vezes, na estação das flores, o vale de Montmorency, junto ao castello de l'Ermitage, immortalizado por Joao Jacques Rousseau, n'uma linda caza de campo decorada á italiana. O illustre paralytico, levado n'uma cadeirinha, divagava por aquellas paisagens que não podia ver, mas cujas emanações embalsamadas e benificas respirava com prazer. Outras vezes, um servo robusto o levava ao collo d'um para outro aposento, piedoso mister que exercia para com aquelle ente tão forte pela intelligencia e tão debil de organização. Toda a parte inferior do corpo estava tolhida e ordinariamente coberto com um capote. A cabeça era soberba e semelhante ao retrato que, segundo um visitador contemporaneo, Chateaubriand traçou de Milton. Repousava sobre duas espasosas espaldas e era coroada por espessos cabellos que a idade começara a pratear. Os olhos haviam ficado abertos, mas em vista e apenas denunciavam a enfermidade por uma incerteza glacial. O busto, era livre; das mãos, só tinham movimento o polegar e o index. Desde a aparição das *Cartas sobre a historia de França* Augustin Thierry, nunca mais escreveu.

Falleceu na sua modesta habitação d'inverno no boulevard Montparnasse. Acompanharam os seus restos mortaes á sepultura muitos homens consideraveis nas letras, nas sciencias e na politica, e uma deputação da *Sociedade dos homens de letras de França*. Os cordões do atauderam levados por Naudet, Mignet, Ary Scheffer e Laboulaye. Orou este ultimo sobre a cova ainda aberta. Entre a multidão que a cercava, notava-se a princeza Belgiojoso, muda e palida como a morte.

LUIZ FILIPPE LEITE.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

I

EM QUE FALLA O AUTHOR; E DIZ O FIM PARA QUE ESBOÇA ESTES RETRATOS.

Dêem-me licença para fallar de mim. Foi o melhor assumpto que poude topar para um exortio. É innocente: não offende a ninguém, porque o author não se pó le dar por offendi-lo do que escreve a seu respeito. Bem sei que está em uso bascar-se e fletor para um obra, e estampar-se-lhe o nome na ultima pagina de um estirado prologo, no qual se narram alguns traços caracteristicos da vida do author, se lhe louvam as virtudes, occultam os vicios, e exaltam especialmente as maravilhas e bellezas do escripto, a fim de haver prompta e breve extracção que é a principal mira de todo aquelle palavrório. Si igualmente que a tal quarta parte do livro, transforma-la assim em prologo, e tao conscienciosamente rubricada pelo editor, nem ao menos teve a honra de ser lida por elle, que o assignou antes de passar á estampa, e quando Deus quer nem mesmo depois de impresso o lê, porque está certo na consciencia do author que necessariamente é um homem de extremada modestia, e por isso mesmo não deixa o seu louvor por mãos alheias, nem engeita os deveres da boa paternidade, abandonando o filho a Deus e a ventura nos primeiros passos que vai dar pelo mundo.

Ora sabendo eu tudo isto, e tambem ser praxe authorizada por muitos bons exemplos dos nossos escriptores de pulso, podia ferrar-me ao ridiculo de um prologo em meu nome, e estender logo ex abrupto nas paginas deste jornal o primeiro pisticio destes retratos politicos, dando tempo ao tempo para encontrar até á estampa da segunda edição (que querendo Deus hade ser em livro), quem generosamente me empreste seu nome para mais desafogadamente poder fallar de mim, e louvar o colorido e a fino tinta dos meus retratos, e a parecência com os originaes, e a belleza da roupagem com que necessariamente os tenho de revestir. Não o quiz.

E tive para isto as minhas razões. Ell-as:

Em primeiro lugar gostei sempre desde creança fazer

as cousas ao inverso do que as fazem as outras pessoas. Este habito já está inveterado em mim, vac por quarenta annos, que tantos são os que hoje tenho, e que com hem os conte. Ora bem se vê, recordando certo rifão que me não está bem estendê-o aqui para me não alcinhar a mim proprio de *preto velho*, sendo eu aliás bastante branco, bem se vê digo, que por tão plausivel motivo não posso deixar de proceder assim.

Em segundo lugar parece-me que desta insistencia de fazer tudo ao contrario dos mais nasce a persistencia que tenho nos proprios vicios, e os quaes bem reconhecço, desmentin-lo assim o adagio de *não haver cego que se veja, nem torto que se conheça*, pois sou o primeiro a reconhecer essa cegueira moral e esses defeitos que todos os meus intitulados amigos embirram em me descrever circumstanciadamente, como se eu não estivesse convencido de ambas as cousas! Ao principio importunava-me a insistencia: depois habituei-me a ella, porque reflexionei philo-ophicamente sobre aquelle annexim: *ninguem vê a tranca no seu olho e todos vêem o arqueiro no alheio*. Não valia portanto a pena de estar a cada momento a incommodar-me por estes achaques da humanidade. Sou vicioso? Pois deixem mo ser. Cada qual o é a seu modo. Ninguem pode neste caso ser o primeiro a arremessar a pedra.

Ora um dos meus vicios é a contumacia das minhas opiniões politicas. Confesso esta pecha. Nunca poude coadunar-me com as metamorphoses. A politica hoje é vicio n'uns, e em outros virtude, á similhaça de certas idéas e certas acções que mudam de valor moral segundo os povos e conforme os climas.

Em mim é um desses vicios innocentes que não prejudicam: é como o tomar uma pitada depois de beber um copo d'agoa (fiquem sabendo que tomo rapé), ou o fumar um charuto em cima da comida para ajudar o chilo.

Se pretendesse agora fazer uma dissertação sobre a politica havia demonstrar que o simile tinha paridade. Uns politicam para espirrar e ouvir um *dominus tecum*, e outros embevecem-se nella em tão beatifica contemplação qual o fumante contemplando o fumo que exhalla ás baforadas de um sabroso charuto. Não se assustem, porém, faço graça aos leitores da maçada da dissertação, que não poderia deixar de offender alguns, especialmente pela comparação da politica com o fumo. E esses necessariamente seriam os que marcham sempre em linha recta, e não se desviam em formas phantasticas, tortuosas, brancas, pardas, escuras, compactas ou dissolventes como o tal fumo do charuto! Passemos adiante.

Ainda ha uma terceira razão para eu não cinhar este prologo com o nome de outra pessoa. Alem desta haveriam muitas mais que deixarei para outra occasiao, visto *haverem mais marés do que marinheiros*. Vem a ser não gostar de me incomodar, e não querer repetir a satyrica intenção do escravo grego que andava pela hora do meio dia com a sua lanterna accesa n'aquella praça de Athenas em procura de um homem. Bem sei que ha muitos homens avesados a tal, e talhados para isso: porem, de certo nenhum delles é o homem que me convem. Não queria um Heracito choramingas que me estivesse continuamente lastimando os desvios politicos de tanta gente honesta que por ahí tem figurado neste meio seculo, e muito menos um Democrito que se me risse ás bandeiras despregadas das evoluções em que nestes cincoenta annos temos admirado tantos heroes politicos. Convinha me um homem que orçasse assim pela altura d'um Aristophanes. Os Aristophanes não se topam, porem ahí a cada canto, e ainda mesmo com a lanterna do escravo grego seriam difficiliss de encontrar.

Preferi, portanto, ser eu o meu homem. Como não posso elevar-me á altura do satyrico, nem abaixar-me tanto que emparelhe com o Esopo que teve a ventura de encontrar um Phedro para seu editor, ficarei pela estatura que tenho, que é assim menos de mediana. E se não fora o defeito do meu systema capillar, que vac por quinze annos foi acommetti to de uma tal frouxidão que a pouco e pouco se tem ido despedindo deixan-lo a descoberto uma respeitavel praça, deixem-me ter a presumpção de que como raros bigodes que possuo, e a symmetrica perinha que me adorna o labio inferior, ahi-la poderia passar por um soffivel typo da raça algarvia, se não fora o desleixo que sempre tenho no meu modo de trajar. Ora deixem estar que um dia heide entregar ao lapis de algum Garvani e ao buril de outro Grandville a reproducção das minhas formas humanas, e estampal-as neste, ou n'outro jornal, para conhecerem que não fui exagerado.

Porem onde ia parar com este prologo?! Este defeito patio de algaravio, ja que devo ao acaso o ter nascido nessa velha Lacobriga, tão afamada n'outras eras e tão minguada hoje, não se me extingue senão com a vida. É a persistencia de que ha pouco fallei nos meus defeitos. Nisto parço-me com alguns oradores maendos dos parlamentos, que estafam por uns poucos de dias consecutivos o auditorio, com a rara habilidade de se filarem eternamente a uma idéa e não a largarem. Será por falta de mais idéas, ou por já estarem calhados no habito de repisarem a mesma coisa, ou, para fazerem figas aos que ainda cáem no logro de atulhar uma galeria da Camara na expectativa de pescarem uma idéa nova ao mesmo homem? Pelos outros não o sei. Emquanto a mim sei que é por mingua.

Todas as cousas devem ter um termo; isto é axioma.

Portanto vou tractar de assentar ponto no meu prologo, dizendo o porque esboçarei os retratos politicos, e o para que. Não m'o tomem por promessa de cartaz.

Vou estampar nestas festivas paginas uma galleria dos nossos homens que tão illustremente tem figurado neste novo labyrintho moderno, a que se chama politica, mais famoso que o de Creta, onde tantos se hão perdido, e alguns se tem salvado com a ajuda das azas de Dédalo, ou com o novelo d'alguma incognita Ariadne. Os que seguíram o exemplo daquelle famoso architecto apegando ás espaldas com a cera derretedica as frageis azas, tiveram a sorte do infeliz Icaro seu filho, por se aproximarem demasiadamente do sol; e os que imitaram a prudencia de Theseo, marcando com o fio os logares percorridos, saíram sãos e salvos daquelle perigo para irem afrontar novos. Será portanto esta galleria uma lição de prudencia para os que vierem depois, á similhança dos Argonautas, tentar a conquista do veloccino: uma especie de templo de Delphos, onde haverá oráculos para consultar e paredes para se inscreverem os feitos, as acções e os nomes dignos de memoria.

O modo porque o levarei a effeito, este prologo o está mostrando. Aqui fica por este motivo tambem assentada a necessidade delle. O homem prudente não deve comprar a mercadoria, sem lhe examinar a amostra. Agora que a tem diante dos olhos pode decidir se. O lavor e a contextura ahí ficam tal qual ha de sair na peça. Só me falta juntar algumas palavras sobre o colorido.

Vae por dez mezes que na *Revista Contemporanea* estou temperando as tintas, e corrigindo os esboços que hoje principio a estender em mais larga tela. O redozido daquelle não me permite maior trabalho que o de uma miniatura: aqui tomará o retrato as proporções de um quadro, onde mais á vontade se admirem os effeitos da luz, e as combinações do claro e escuro da vida humana com a correção das formas e a similhança dos originaes. O fundo será preenchido com as acções que os cavalheiros retratados tiveram praticado. Esperamos agrupal-as com aquelle rigor geometrico, necessario ao effeito da visualidade. Oblivarei a pintura com esses relevos historicos que as nossas dissensões politicas tem levantado neste meio seculo.

Parece-me que desta arte ficará o trabalho digno de ver-se. Senão; não. Darei o dito por não dito.

A difficuldade, porém só a encontro no estylo e na escola a adoptar. Mas não vá a assustar. Espero sair-me della. Como? Manejando alternativamente os pinceis de Rembrandt, de Ticiano, de Hogarth, d'Urbino, de Bamboche, etc. Nos meus retratos ha figuras para todos os estylos e para todas as escolas.

Vel o hão.

Lisboa 17 de Junho de 1836.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

Era n'uma noite de theatro, e tinha ido assistir a uma peça de fama, que pela primeira vez subia á scena. Como me era costume, entregue ao espectáculo, não reparava na sala, quando o ruído d'uma porta de camarote que se abria com estrepito, me attrahiu a attenção. Voltaram-se tambem quasi todos para aquelle mesmo lugar, e um murmurio de desaprovacão percorreu a platéa, quando reconheceram a pessoa, que fisera aquelle motim.

Vi uma mulher vestida ricamente e com muito gosto. Não percebeu o motivo d'aquelle sussuro, ou não deu por elle; Sentou-se com ares de rainha passando em revista deslenhosamente os camarotes todos e a platéa: Quando olhou para onde eu estava fez-se pallida, e fechou os olhos convulsivamente. Pela minha parte, perdi immediatamente a cabeça porque tinha reconhecido Maria.

Entretanto se o seu rosto não estivesse tão presente á minha memoria, difficilmente poderia encontrar n'aquellas feições, as da mulher, que tanto amara e que amava ainda.

Aquelle mimoso botão tinha-se convertido n'uma rosa; porém como as flores, que abrem n'uma jarra colhidas antes de tempo, não tinha nem o viço nem o frescor, que tanto apreciadas as torna. As faces desbotadas tinham perdido a cor da infancia trocando-a por uma pallidez cadaverica. Os olhos pisados já não resplandeciam como d'antes. Abrindo se a custo, cercados por uma aureola azulada pareciam recear a luz, e envergonhar-se de ver o mundo. Finalmente notava-se-lhe no todo um quebrantamento singular, que a similhava á flor pendida, ou á folha rasgada d'um poema desconhecido.

Largos tormentos deveriam ter produzido similhante mudança, e Magdalena rojando se arrependida nos pés do Senhor não poderia ainda assim apresentar a poesia da desgraça que se encontra na minha antiga namorada.

Carlos, (tal era o nome do meu amigo), que estava ao meu lado apercebeu-se da minha perturbacão e perguntou-me, sorrindo-se.

—Que é isso? Parece-me, que a vista d'aquella mulher produziu-lhe um effeito... extraordinario, conhece a?

—Que é aquella mulher?

—É uma das nossas elegantes, a sua historia levaria muito tempo a contar, fica para mais tarde, eu posso-o informar bem, porque a sei melhor do que ninguem?

—Apresenta-me áquella mulher?

—Já nos lá vamos, redarguiu elle com ironia, não é praça que se tome de assalto, mas pelo apresentar não será a duvida.

—Obrigado, disse-lhe com um modo que pouco tinha de natural e saí precipitadamente. Parecia-me, que á saíta um creado de librê me seguia, porém não lhe dei maior importancia, só entreguei todo a um pensamento que me devorava: era a presença de Maria em Lisboa, e com um homem, que a acompanhava, já de idade, mas ao que parecia cheio de carinho e affeição para ella.

Porque era Maria. Tinha disso toda a certeza. Dizia-m'o o coração e a sua voz não engana nunca. Mas estaria cazada? Seria algum parente a cuja guarda ficasse confiada depois da morte de sua mãe. Mas porque me não tinha procurado, porque tinha rompido relações tão santas? Porque tinha morto um amor tão puro?

Indeciso, e vacillante em mil conjecturas, em mil supposições, passei a noute toda sem pregar olho e sem prever de longe sequer a verdade. Amanheceu e ainda estava de pé com os cabellos a prumo, os olhos esgaziados e a cabeça pelos ares. Tinha recordado as nossas conversas todas da fonte dos suspiros, as promessas, e as juras que ali tinhamos feito e cada vez me parecia menos possível, ser Maria a mulher, que via.

Mas não me podia ter enganado. O seu rosto era aquelle, aquelles os seus olhos, a aquellas as suas feições, e embora modificadas, reconhecia-as ainda como se reconhece a arvore da infancia ou a casa em que se nasceu, embora as folhas tenham amarellecido, ou as paredes começem a cair em ruinas.

Era meio dia quando senti bater á porta. Vi uma mulher velha, com uma carta que me entregou só depois de verificar bem, que se dirigia a mim. Reconheci a letra; era d'ella. Ainda a conservo, tenho-a bem proximo, mostrar-lha-hei, e poderá vendo a fazer uma idea approximada do effeito que me produziu. E de uma gaveta da sua secretaria tirou o doutor uma carta que me entregou convidando-me a le-la.

O papel estava amarrado, a letra posto que elegante estava tremida, e n'alguns pontos encontravam-se nodos amarelhados indicios de lagrimas, que lhe tinham cahido em cima. O seu contheudo era o seguinte:

—Senhor, Se me atrevo a escrever-lhe, é porque o supponho gen roso e bom. Tenho soffrido muito e se a minha culpa foi grande, a expiação não tem sido menor. Ha muito que imploro o perdão de Deus, e se me perdoar aquelle, que enganei, creio, que a clemencia divina se apiedará de mim. Peço-lhe bem pouco, uma entrevista, não para me justificar, mas para confessar a minha culpa. Ha de m'a conceder, não é assim? Espero o do seu coração. Demais é a unica esperança, que me resta, e se me faltasse supper-me hia reprovada de Deus, como o já sou dos homens. — Maria.

Depois de lhe ter restituído a carta, o doutor proseguiu da forma seguinte.

—Não havia, que duvidar, um mysterio tremendo, que não comprehendia, e que nem mesmo ousava comprehender, cerrava a minha pobre amante. Era preciso ver a, seria o meio de saber tudo, e de acabar com uma indecisão, que me matava. Perguntei á velha onde morava, ella disse m'o immediatamente acerecentando com os modos proprios de similhantes mulheres.

—H-de vel-a, não é assim? Coitadinha, tem chorado tanto deste que o viu, hontem! Disse-me, que o esperava ás duas horas, e eu encarreguei-me deste recado pelo dó que me causou, desgraçadinha! Porque não sou destas coisas, mas tanto se rabou, tanto se amofinou, que não houve outro remedio, apezar de...

Percebi, qual era o fim daquelle arangel, interrompia danco-lhe algum dinheiro, e despedindo-a quanto antes, não sem escapar a um sem numero de agradecimentos, o qual mais repugnante, o qual mais servil.

Precisava ficar só, precisava ler uma e muitas vezes a sua carta, que me queimava como um ferro em brasa, mas que eu conservava, e devorava como um homem devorado, que em vez de o arrancar da ferida, crava cada vez mais o dardo envenenado, que lhe causa a morte.

Não o podia crer. Maria culpada! Maria o anjo bom da minha vida a fada bemfazeja dos meus primeiros annos! Era impossivel... Mas a carta alli estava, aquella letra era sua, aquellas palavras tinham sido escriptas pelo seu punho. Não enloudeci naquelles momentos, amigo, não sei eu porque, estava destinado para maiores provas, e era preciso que estivesse em estado de as soffrer.

Quando olhava para a carta e via aquellas palavras fataes; parecia-me estar na posição de um homem, que adormecendo n'um campo viço e florido, dêsse com a vista ao despertar somente em ruinas e destroços. Parecia-me, que no céu da minha vida á pouco sereno e estrelado no firmamento onde a estrella de Maria brilhava, mais intensa, do que todas as outras, um demónio estendendo as suas azas negras tinha ofuscado as estrellas todas e arrancando a mais brilhante, a d'ella, a tinha mudado n'um raio com que ameaçava fulminar-me.

Deram duas horas, vesti-me á pressa e corri ao lugar indicado. Ap-nas disse quem era, mandaram-me entrar para um salão mobilado com o maior luxo onde Maria me esperava.

Estava mais pallida ainda que na vespera e mais quebrada pelo soffrimento. Parecia uma dessas estatuas finas de alabastro, imagem da saudade e da dor, que o ciúzel inspirado arroja sobre a lapida do sepulchro a chorar pelo que se finou. Deveria de ser assim o anjo cahido de Lamartine tão bello e tão desventurado.

Doas lagrimas lhe corriam ao longo das faces, simbolo angusto da virtude, que não podia desprender-se ainda, de tão gentil guarida. Amigo, acredite me, porque por mim falla a experiencia, a mulher que chora, não está perdida de todo, como o campo, que brota flores, não é de todo esteril, porém a que debalde chama os prantos, sem que estes lhe acudam, é maldita como a terra por onde passou o fogo do céu. Nem mais uma virtude se lhe pode acoutar, como nesse outro terreno, nem mais uma semente pode florescer. Maria chorava, não estava convertida completamente, nem os olhos de Deus se tinham afastado de todo de sobre ella.

Parci apenas a vi, quiz caminhar, mas não pude; sentia-me prezo ao chão, queria fallar mas uma força immensa me tolhia a falla, suffocando-me. De repente por um esforço supremo, mais como um soluço do que como uma palavra proferi o seguinte com explosão e do fundo d'alma.

—Cazada!..

Ella escondeu a cabeça entre as mãos soluçando e eu, sem avaliar quanto a fazia soffrer prosegui:

—E eu que te amava tanto, que acreditava tanto nos teus protestos! E que fizeste do meu amor, das tuas juras? Esqueceste tudo, aquellas tardes da moridade, a fonte dos suspiros, as flores que desfolhávamos juntos, e que nos prometiam amor para toda a vida, aquelle primeiro beijo de que ambos corámos como de um crime, a primeira confissão, que sahio das nossas boccas sem que a percebêssemos senão depois de proferida, e tua mãe, que surria ás nossas confissões, que abençoava o nosso amor! E agora convidas-me a assistir ao funeral de tanto objecto querido, sem veres, que o coração se me vai com elles? Suppunha-te melhor. Quando se destroem as esperanças todas de um homem, não se obriga esse desgraçado, a ir ver no chão, calcado e perdido tudo o que mais amou. Desprezar tanta promessa sagrada era bastante, fazer alarde desse desprezo, é demais.

Maria que me tinha ouvido, quasi sem accordo de si e provando somente que existia pelo soluçar convulso, ergueu por ultimo a cabeça e grande de indignação e despeito, redarguiu-me com uma intonação que por muito tempo me vibrou no ouvido.

—Suppunha-o mais generoso, enganei-me!

—Generoso eu? e porque? Porque não consinto a sangue frio que venham impunemente escarnecer de mim! Porque não supporto de braços cruzados, sem um queixume, sem uma palavra, que me derrubem aquelles doces planos d'outros tempos, e porque não agradeço ainda á pessoa que m'os derrubou, e que vem affrontar o meu ressentimento sem reboço e sem pejo? Se ha aqui alguém, que se possa accusar de falta de generosidade, é a senhora, és tu Maria, que não contente com destruir-me a minha felicidade toda, a esperança da minha vida, vens agora diser-me talvez, que és d'outro porque assim te aprouve e que não pense mais em ti? Em ti os meus primeiros e unicos amores, a unica mulher, que eu amei, e com um amor! Oh! vejo-o agora, pelas suas ruinas quanto era superior a tudo o que a terra tem produzido de bello e de grande.

Pouco a pouco a expressão de ressentimento convertera-se em dor ao recordar-me d'aquelles antigos tempos, e tendo começado a reprehender, acabava soluçando e a supplicar.

Maria que se tinha ido acurvando progressivamente em quanto eu fallava, caiu por fim a meus pés, e com uma voz, que traduzia bem pelo entrecortado e pungente o que devia ir la dentro, me disse.

—Fernando, se visses uma mulher qualquer por mais indifferente que te fosse, arrastada ao pelourinho da infamia, e se podesses com uma só palavra salvar-a desse aviltamento extremo recusar-te-hias a proferir-a? Se visses um desgraçado á beira de um abysmo agarrando-se convulsivamente a um tronco que existisse na borda, em vez de lhe estenderes mão amiga irias desapidadamente desarreigar-lhe essa unica esperança de salvacão? —Falo-hias, oh dize-me que bem o preciso ouvir de tua bocca para saber se devo ou não continuar.

—Eu, Maria, que queres dizer? Bem sabes que não fui nunca cobarde nem mau, e uma ou outra cousa seria uma cobardia e uma maldade.

—Obrigado, Fernando, obrigado, Deus te pague o bem que me fazes, Deus te recompense como mereces.

—Mas que significa tudo o que me dizes Maria, de que servem tantas magoas agora, se já não ha remedio. Estás casada és d'outro, embora; quem soffre mais do que eu, tu tens teu marido, que te estima provavelmente, que te ama, e eu não tenho ninguem! Mas viverei longe, muito longe d'aqui, talvez seja feliz ainda. Socega, esquece-me visto que te não posso esquecer.

E com o egoismo, que é tão nosso, de nós os homens, exaltava os meus soffrimentos, sem ter em nenhuma conta, o que a pobre mulher padecia com as minhas palavras; mas em breve comecei a antever a verdade quando lhe ouvi a seguinte confissão, que lhe coava a escaldar pelos labios.

—É que tu não sabes que eu sou a mulher, que ar-

rastam ao pelourinho, que se pendura sobre o precipício. É que não sabes, que não sou casada e que não posso uzar nem o nome de um marido nem o de nenhum outro, porque todos me são vedados. É que não sabes que esses homens, que por momentos me têm querido para sua mulher, cuspir-me-iam nas faces, arrancar-me-hiam o seu nome se me atrevesse a usal-o, como das mãos de um hereje se arranca uma reliquia que elle vae profanar. É que não sabes, que sou uma mulher perdida, desgraçada, tendo de conservar o sorriso nos labios com o desespero no coração; a belleza no rosto com a fealdade na alma, porque desse sorriso e dessa belleza tiro o pão, que me esmollam, despresando-me. É que não sabes, que pertenco á classe mais infeliz dos miseraveis, aquelles a quem se dá uma esmolla com desprezo; aquelles, que se detestam, e que só se procuram enquanto podem offerecer praseres que não gosam, amores que não sentem. É que não sabes Fernando, que o meu nome na sociedade exprime a triste condição da minha existencia, um flagello, que se tolera, para evitar outros maiores, como o carrasco ou como a forca; amaldiçoadas, abominadas, e infelizes.

E com exaltação crescente tinha-se ido animando cada vez mais á medida que ia fallando: finalmente caiu por terra como despedaçada pelo ultimo esforço, parecendo que se não levantaria mais. Era a luz que ao extinguir-se se agita tremula e que finalmente depois de uma convulsão mais forte, depois de uma labareda mais viva se apaga de todo. Era a virgem envolta na tunica negra do vicio, que esforçando-se por a lançar para longe de si consegue finalmente, deixando-lhe a carne em pedaços, e perdendo a vida na lucta.

Eu via a realidade diante de mim e fechava os olhos para a não ver. Dizia-me o coração, que ella não mentia, e não a acreditava ainda. Tambem aquelle que ao chegar de longes terras, vê o seu patrimonio talado pelo ferro, devorado pelo incendio ou destruido pela tempestade, suppoem-se a sonhar, julga-se illudido, mas só bem tarde é que acredita na sua desgraça.

E Maria estava ali a meus pés exanime, moribunda. Só me lembrei do seu estado, e esqueci-me do que me dissera. Tomando-a em meus braços pretendi reanimá-la e aquecê-la com o calor febril que me escaldava nas veias, chamando-a muitas e muitas vezes, até que por fim foi com um praser, que, se não traduz, que a ouvi, assim, quasi como despertando de um sonho, responder ás minhas perguntas sobre aquelle terrivel mysterio, que a meu pesar não podia acreditar ainda.

— Não me comprehendeste, Fernando, mas eu não sei como te hei de dizer a verdade. . . Ah Jesus se soubesses como esta confissão me custa! Mas ha de ser, é preciso ter forças, será uma expiação. . . Tambem foi para isto que te mandei chamar. . . mas não supuz nunca, que a recordação da culpa fosse mais terrivel do que a propria culpa. Enfim, quero-te contar tudo desde que te deixei, não me has de amaldiçoar, não! Se o sentires não m'o digas, soffro já tanto, que não poderei resistir a tamanho golpe. . . Promettes. . .

— Prometto Maria, tudo prometto, não quero suppor, que sejas tão culpada como dizes: ha nisto o quer que é, que não comprehendo, e que preciso comprehender, porque não posso ficar por mais tempo n'este estado cruel. . . Falla Maria e que todos te perdoem como já de antemão te perdo-o.

— Quanto es bom, Fernando, me disse ella, senta-te pois aqui para me amparares se desfallecer, e ouve-me. Assim foi, e ella começou por estas palavras pouco mais ou menos.

Continúa

R. PAGANINO.

ADEUS!

A. M. L.

Adeus, Rosa! Dezerto e sem cores
Fica o prado, se a Rosa faltar,
Do teu reino, rainha das flores,
Só saudades nos podem ficar!

E que fundas, que tristes saudades
Estas nossas, ó Rosa, não são!
Não as vertem mesquinhas vaidades,
São eternas, não mais murcharão!

Ai! não seccam, nem murcham as rosas
Se a saudade ao pé dellas nasceu;
Ambas juntas, virentes, viçosas,
N'um só ramo quem não as prendeu?

Desunil-as, não póde a fortuna;
Separal-as, não sabe ninguem;
Uma á outra, um só nó que as una,
Que segredos, que vida não tem!

Adeus, Rosa! Dezerto e sem cores
Fica o prado, se a Rosa faltar;
Do teu reino, rainha das flores,
Só saudades nos podem ficar!

L. A. PALMEIRIM.

GALERIA DOS PAÇOS REAES EM EVORA.

Em Evora, antiga residencia dos nossos reis, existe ainda uma galeria, fragmento do antigo paço real escapado felizmente á acção destruidora do tempo.

É duvidosa a epocha da sua fundação; e, ainda que esta seja attribuida a D. Manoel, é licito julgar que tivesse logar antes.

Os paços eram mui proximos ao convento de S. Francisco, e foram cedidos aos religiosos do mesmo, menos só a galeria, quando os nossos reis deixaram de ter em Evora a sua residencia habitual.

Esta galeria, que a nossa estampa representa, é uma das partes mais bellas do soberbo e magnifico paço de Evora.

Por este elegante e triste resto de antiga grandesa, se pode ainda apreciar a magestade e formosura do edificio. Quanto não seria sumptuoso!

Em outros numeros daremos noticia dos mais importantes edificios d'Evora.

CHRONICA SEMANAL

Os theatros fecharam: o concurso da *Festa do Passeio Publico* assustou os empregados e directores. Só a mythologica *Filha do Ar*, ousou affrontar a competencia. As *Aves Maravilhosas*, aos *Saltos Acrobaticos* dos Arabes, e ao *Fogo de artificio* oppoz a fantasmagoria e as visualidades. Ambos os divertimentos estimularam a *Corda sensivel* do publico, portanto este dividiu-se.

Domina sempre a *pasmaceira*; entreter os olhos é a predilecção favorita do vulgo, o espirito esse não o quer ir preoccupar para o theatro. Uma transformação, má que seja, diverte-o; um trecho litterario, embora elevado, enfada-o.

Houve tempo em que se compraziam de ir chorar para o theatro, apreciavam as commoções fortes, hoje só querem rir. E tem razão, a epocha é mais para isso. Consideram o theatro apenas como distracção; nada mais. O *romantismo* passou. Preferem o positivo á idealidade. Os daguerreotypos burlescos são os que mais agradam á platéa. Triunfa a gargalhada; só esta os entusiasma.

Em applausos theatro algum rivalisa com o da Rua dos Condes. Só ali se ouvem palmas freneticas e bravos estrepitosos. É rara a peça que deixa de agradar. Tanto o dramatico como o comico inspiram igual interesse. Os expectadores entram na firme resolução de se divertirem, e divertem-se. Bem hajam elles.

Mas deixemos a Rua dos Condes e voltêmos ao Gynasio.

A unica novidade theatral da semana é a *Filha do Ar* que tanto a proposito appareceu, visto andarmos tão faltos delle — seu pai.

Não diremos que esta producção seja uma obra notavel, mas é um trabalho a que não falta merito. Embora não satisfaça completamente pelo lado fantastico que pretendem imitar, agrada porem por algumas combinações bem calculadas. Revela ás vezes vontade de elevar-se, mas descaê de repente.

O desempenho geralmente foi esmerado, a *mise-en-scene* apurada, e o scenario prova os progressos sensiveis do sr. Rocha, e o muito que ha a esperar do seu talento.

No *Passeio Publico* supprimiram o *telegrapho electrico* e os *automatos*; o mais repetiu-se tudo como da primeira vez. Nos *bazaares* as mesmas senhoras, na *pasmaceira* os mesmos homens, e circulando pelas ruas os mesmos curiosos. Concluiu-se a rifa, acabaram-se as sortes, em fim as Casas d'Asylo tiraram um resultado lisongeiro. Ainda bem.

Ha oito dias que o calor tem sido abrazador. Se tivermos um verão na proporção do inverno que fez, ha de ser de abafar. Em menos tempo ninguem fazia mais. Todos estão lembrados do que se gritou contra a chuva, e do que se queixaram contra a abundancia de agoa. Pois já hontem um amigo meu lastimou a ausencia d'ella d'um poço onde anno algum tinha faltado. Bastaram estes poucos dias de sol para lh'o seccarem.

Brevemente Lisboa estará deserta; preparam-se diariamente novas caravanas para o campo. Cintra constans que já começa a povoar-se do *mundo elegante*, e é natural que tambem este anno seja moda. O chronista não terá remedio senão fazer ali algumas excursões para ter que contar.

Dentro da cidade, duvido que encontre novidades. S. Carlos e o theatro francez fechados, o chiado abandonado, o Gynasio é natural que metade da estação represente a *Filha do Ar*, o theatro normal, só de tres em tres mezes apresenta alguma comedia ou drama, finalmente só lhe resta a *Floresta Egyptica* que não tem variedade, e que pouco o póde favorecer.

E dito isto fechamos aqui a chronica porque tudo mais que dissessemos seria mentir ao titulo.

ERNESTO BIESTER.

Os ladrões das mattas são monteados; os das villas, e cidades, são respeitados.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 26.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dous actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Pastos da Igreja* do mesmo auctor.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. 480

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADICÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS DE L. A. PALMEIRIM. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. BARBOSA DE BOGAGE, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

No Prêlo:

POESIAS DE J. S. MENDES LEAL, 1 vol. 8.º fr.

AVISO.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo n.º 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manoel Gomes de Amorim.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta por conta do mesmo editor, até ao n.º dos 200 exemplares em casa dos correspondentes mencionados.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.

Continuará sem interrupção até 1826.